



Cáritas ajuda Moçambique

Face ao agravamento das condições de sobrevivência criado às populações do Vale da Zambézia devido ao recrudescimento das cheias, a **Caritas Portuguesa decidiu mandar transferir 25.000€** para a sua congénere moçambicana.

Esta verba destina-se, essencialmente, a assegurar a prestação de cuidados básicos como são a alimentação, a saúde e a construção de abrigos temporários.

A importância agora dispendida resulta dos recursos próprios da Caritas Portuguesa que podem ser acrescidos com a solidariedade dos portugueses.

Quem desejar fazê-lo poderá enviar o seu contributo através da Caritas local ou em qualquer balcão da **Caixa Geral de Depósitos** na conta "**Caritas Socorro Moçambique**" NIB: **0035 0697 0059 7240 1302 8**.

Lisboa, 22 de Janeiro de 2008

A Direcção da Caritas Portuguesa

25 anos de episcopado de D. Albino Cleto

Por ocasião dos 25 anos de ordenação episcopal de D. Albino Mamede Cleto, Bispo de Coimbra, a Cáritas diocesana associa-se jubilosamente a toda a Diocese na manifestação de comunhão e corresponsabilidade na missão com o seu Bispo. Intercede junto de Deus Pai, "que derrama abundantemente a Sua graça em nossos corações", pela vida e saúde do seu Bispo, para que o seu zelo pastoral possa desabrochar em frutos de crescimento da



eclesialidade e da santidade da Igreja de Jesus Cristo neste espaço geográfico que lhe foi confiado.



As grandes questões deste Dia Cáritas

A Igreja em Portugal celebra no próximo dia 24 de Fevereiro, 3.º Domingo da Quaresma, o Dia Nacional Cáritas, este ano sob o tema "**Acolhe a diversidade: abre portas à igualdade**". Este tema (como tem acontecido nos últimos anos) evoca de modo imediato o tema proposto para o Ano Europeu de 2008 – **Ano Europeu do Diálogo Intercultural**.

Há um risco, entre nós, de darmos estes temas por meros slogans, mais ou menos vazios de conteúdo. Mas isso seria uma atitude de sobrançeria não justificada. O diálogo intercultural é uma urgência a múltiplos níveis. Basta pensar na anulação da presença do Papa Bento XVI na abertura solene da universidade La Sapienza, por contestação de rua, e que o cardeal que iria presidir às cerimónias religiosas também acabou por não conseguir

entrar no espaço universitário. Por mais razões de "outra ordem" que busquemos, não podemos omitir esta evidência simples: na contestação à presença do Papa estiveram envolvidos agentes e destinatários privilegiados da cultura..., professores e alunos (mesmo que em minoria) da Universidade mais antiga da Europa, aliás criada pela Igreja! Pode-se dizer que é por ser este papa; que se fosse outro, as coisas seriam diferentes. Talvez sim, talvez não; segundo o testemunho descomprometido de alguns eurodeputados, e dentro do contexto deste ano europeu do diálogo intercultural, a visita do Grande Mufti da Síria (a mais alta individualidade religiosa daquele país), Ahmad Badr El Din El Hassoun, ao Parlamento Europeu "causou algum desconforto nos corredores... por ser uma figura religiosa"... Em rigor, pois, o diálogo

intercultural e, dentro deste, o diálogo com e entre as religiões, é um trabalho fulcral neste tempo que estamos a viver.

A este exemplo podemos acrescentar as discussões em França sobre a cultura mulçumana, ou sobre os símbolos religiosos, e tantos outros de que temos notícia todos os dias.

Em termos pastorais, o diálogo intercultural encontra uma urgência imediata no acolhimento aos imigrantes, quer em termos da sua integração social e religiosa, quer em termos da sensibilização e educação da comunidade autóctone para a compreensão das diferenças, para o respeito pela dignidade humana, para a não exploração do fraco e desprotegido.

(cont. na página 2)

SIDA EM ÁFRICA

Emergência sanitária. Drama humano

Na África negra, segundo as estatísticas mais recentes da ONU, o número de infectados pelo vírus da SIDA aumentou 1,7 milhões em 2006. Este número representa uma diminuição líquida em relação a 2001. Apesar disso, segundo o relatório da ONUSIDA de 2007, a África é o Continente mais afectado, com 22,5 milhões de habitantes infectados, o que representa 68% da população mundial contaminada.

Nalgumas regiões de África a SIDA produz um tal sofrimento que se pode equipar a uma situação de emergência e como tal ser tratada, sob pena de conviver com uma situação onde o preço a pagar é demasiado alto e onde as pessoas infectadas são despojadas da sua condição humana em todos os sentidos. Esta é uma opinião de muitas pessoas responsáveis, a que somam afirmações como: "com a SIDA não é possível ter desenvolvimento", ou "com a SIDA não pode haver paz". Isto mostra que a situação é trágica e que ainda não estão a ser adoptadas as medidas suficientes para parar esta pandemia, comparável a uma emergência e que como tal precisa de ser tratada.

OS IMPACTOS DA SIDA EM ÁFRICA

1. Sobre a população e estrutura demográfica

Desde logo é evidente o dano que a SIDA, desde o seu aparecimento em África, produziu sobre a população: a esperança de vida diminuiu numa só década dos 58-60 anos para os 48 anos. Na Suazilândia, por exemplo, a esperança de vida baixou para os 40 anos. A SIDA está a afectar sobretudo os jovens e as mulheres, provocando uma mudança profunda na estrutura familiar da sociedade africana, com consequências económicas e sociais gravíssimas.

Esta diminuição da população em idade produtiva é sobretudo evidente entre os funcionários públicos, como os educadores, professores, militares, enfermeiros. Trata-se de pessoal qualificado que tem uma função pública vital no desenvolvimento de um país, como é o campo da saúde e da educação. Recentemente soube-se que em Moçambique, com este ritmo de mortalidade, em 10 anos desaparecerão todos os professores primários de meia-idade.

2. Sobre a pobreza e a fome nos lares

A nível macroeconómico, nos países africanos a Sida causa uma diminuição entre 1% e 2% do seu crescimento económico. No âmbito da economia familiar, provoca uma diminuição da produção com a consequente perda de rendimentos das famílias, criando uma insegurança alimentar grave. E, para além disso, cria necessidades assistenciais e sanitárias específicas e economicamente exorbitantes, que têm que

ser pagas de uma forma ou de outra: medicamentos, assistência médica, funerais e enterros. Por isso, muitas famílias entram em ruptura e os membros que sobrevivem à tragédia da morte vêem-se na contingência de emigrar, procurando melhores meios de sobrevivência.

3. Sobre a agricultura e o desenvolvimento rural

Cerca de 75% da população africana vive no mundo rural e, portanto, tem de viver da terra e de produtos agrícolas. Se a agricultura prospera, o bem-estar e a auto-suficiência dos países em desenvolvimento ficam garantidos. A agricultura em África representa 24% do PIB e absorve 56% da população. A SIDA ataca e infecta um grande número de agricultores, provocando a perda de mão-de-obra e diminuição dos rendimentos derivados dos produtos agrícolas.

4. Sobre a administração, procura e qualidade da educação

A SIDA é um obstáculo determinante para a consecução dos Objectivos do Milénio no que respeita ao ensino primário universal. Reduz a disponibilidade de professores, a assistência de alunos às aulas, sobretudo das meninas, e gera um aumento do analfabetismo. A qualidade do ensino fica ainda afectada pela necessidade de recorrer à contratação de pessoal ocasional.

5. No sector da saúde

Torna-se evidente uma perda de pessoal especializado entre os trabalhadores da saúde: médicos, enfermeiros e parteiras. Por outro lado, com o aumento dos infectados pelo vírus diminui a capacidade de atenção às outras doenças, porque as energias sanitárias são absorvidas pela atenção aos doentes de SIDA.

A epidemia da SIDA é considerada um travão ao desenvolvimento e uma perda da condição humana do indivíduo que a sofre. A luta contra esta doença deve estender-se a todos os sectores e a todos os actores, coordenados e integrados, para inverter a tendência de aumento da sua sua propagação e impacto sobre as pessoas, as famílias, as comunidades e também o estado geral da luta contra a pobreza.

RESPOSTA DA IGREJA

A partir do ano 2000, as Conferências Episcopais (SCEAM/SECAM) de África tomaram a decisão

de incluir a SIDA entre as prioridades da actividade pastoral da Igreja, com programas integrados, sendo considerada "a SIDA como o desafio social, económico e humanitário mais urgente do Continente". A Igreja, mediante a sua rede de hospitais, centros de saúde e dispensários rurais, conseguiu em pouco tempo tornar-se presente entre os doentes da SIDA e seus familiares, através de actividades diversificadas, centradas em quatro pontos essenciais:

1. Programas de prevenção

O trabalho de prevenção consiste na educação e sensibilização capilar a todas as camadas da população, sobretudo aos mais jovens, sobre a responsabilidade, a educação para a vida, os testes voluntários para detecção e seguimento da doença, a prevenção das mães na transmissão do vírus aos filhos. Graças à rede eclesial, organizam-se cursos, seminários e programas escolares para criar uma consciência responsável sobre os múltiplos aspectos relativos à doença, incluindo o estigma.

2. Atenção sanitária aos doentes de SIDA

Através dos centros de saúde, dispensários, hospitais e clínicas, a Igreja atende formalmente aos doentes de SIDA, que muitas vezes se apresentam já no último estágio da enfermidade: diagnóstico preventivo, tratamento com antiretrovirais, planificação no seguimento da enfermidade e tratamentos paliativos. Além disso, a atenção sanitária é estendida à esfera do paciente, como vizinhos, familiares e amigos.

3. Apoio às famílias afectadas

Os órfãos e as viúvas por causa da SIDA encontram-se numa situação económica e social desesperante: a morte do pai ou do irmão mais velho deixa a família sem recursos. A família destrutura-se e muitos filhos que não conseguem obter cuidados das mães são abandonados e vivem na rua. O número de crianças da rua por causa da SIDA não pára de aumentar.

4. Apoio espiritual

O doente da SIDA encontra-se diante de perguntas terríveis; é frequente considerar a doença como sinal do abandono de Deus ou como castigo divino, ao mesmo tempo que é bastante difícil encontrar sentido para o sofrimento que gera, para a estigmatização social e para a própria morte. Neste sentido a atenção espiritual pode ajudar a encarar com paz esta situação e a Igreja pode oferecer algumas respostas a este drama humano.

Padre Borga no Pavilhão Multi-usos

Espectáculo de Solidariedade a favor dos mais pobres

No dia 27 de Fevereiro de 2008, o Padre José Luís Borga promove em Coimbra, no Pavilhão Multi-usos, na Praça Heróis do Ultramar, pelas 21.00 horas, um *Espectáculo de Solidariedade*, cujas receitas revertem a favor das pessoas mais pobres. Este espectáculo insere-se numa digressão pelo país da iniciativa do Pe. Borga que, em contacto recente com as Cáritas de Coimbra, no contexto de um programa televisivo, viu nesta instituição a dupla vertente do trabalho desenvolvido e das necessidades objectivas.

Dia Cáritas

(continuado da pag. 1)

A Cáritas Diocesana de Coimbra tem actuado nesta dupla vertente: trabalho directo com os imigrantes e minorias étnicas culturalmente diferentes, e trabalho com as comunidades na sensibilização para o acolhimento e para a compreensão/aceitação da diferença. Para além das suas iniciativas institucionais, por si ou em parceria, também uma multiplicidade de iniciativas de intervenção junto dos imigrantes já arregaçadas nos grupos paroquiais de acção sociocaritativa revela os frutos desta sensibilização.

Todavia, o lema do Dia Cáritas, ainda que subscrevendo esta problemática, vai muito para além dela. A Cáritas pede não só que compreendamos as diferenças, mas que as acolhamos; e pede sobretudo que, a partir desse acolhimento, abramos as nossas portas à igualdade! Permitam-me ilustrar este pedido da Cáritas com um exemplo francês, que ouvi recentemente: se de cada cinco jovens franceses desempregados e com curso superior (licenciatura), quatro deles tiverem apelido árabe, o que significa isto? Significa que a realidade jurídica (são franceses) está muito longe de ter uma correspondência de igualdade social, laboral, política, etc. Aqueles jovens que provocaram distúrbios em Paris não são árabes; são franceses, embora descendentes de árabes. Mas nunca viram as portas tão abertas para eles como percebem que estão abertas para os outros. Percebem que não são tidos como iguais.

A Cáritas de Coimbra, desde há muitos anos, tem pedido que o Dia Cáritas seja celebrado com particular incidência nas paróquias. A razão é simples: a Cáritas não se assume como uma super-estrutura em relação à Igreja, que possa auto-celebrar-se por si mesma, mas como um serviço concreto à vida quotidiana e ordinária da Igreja no campo da pastoral social. Se mérito ou desmérito tem, é na Igreja concreta, diária, paroquial, que tal se reflecte. Por isso é essa mesma Igreja que há-de neste Dia Nacional evocar ou não o organismo Cáritas. Nós queremos acreditar que a nossa dedicação há-de merecer essa palavra de estímulo no interior das paróquias. De qualquer modo, e face ao tema proposto, parece claro que não aproveitar esta Dia para criar uma sensibilização efectiva para os problemas que o mesmo sugere, será sempre uma certa oportunidade perdida e, como tal, um empobrecimento comunitário por omissão. Por isso é-nos grato saber que são muitas as comunidades e os grupos Sociocaritativos que costumam aproveitar este Dia para aprofundarem os desafios da pastoral social, e estamos em crer que este ano assim continuará a ser.

Por último, não se pode omitir da celebração deste dia a questão da partilha de dinheiro com a Cáritas Diocesana. Para além das despesas inerentes ao funcionamento de um serviço desta natureza e com a qualidade que lhe é reconhecida, continuam a ser muitas e dramáticas as situações de pobreza e emergência com que nos vemos confrontados. A nossa partilha - bem o sabemos - é uma pequeníssima gota neste imenso mar da pobreza. Mas menos do que essa gota, é o nada! Partilhar dinheiro continua a ser uma necessidade.

Neves

XXXII Assembleia Diocesana

A Caridade na comunidade à luz da esperança cristã

No dia 13 de Janeiro realizámos a nossa XXXII Assembleia Diocesana de Acção Sócio-Caritativa, com a participação de uma numerosa Assembleia (200 pessoas), tanto mais significativa quanto as condições climáticas nessa tarde foram verdadeiramente adversas. O Pe. Aníbal Castelhana, Presidente da Cáritas, coordenou o conjunto dos trabalhos, tendo sido a reflexão orientada, conforme foi anunciado, pelo Senhor D. Albino Cleto, Bispo de Coimbra, que falou com particular ênfase da originalidade do amor cristão em relação a outras formas de amor, originalidade evidenciada sobretudo no âmbito da doença, do sofrimento e da dor. De resto, este é também um campo onde a esperança cristã adquire um particular sentido, como lembra Bento XVI na Salvi Spes, recorrendo a vários exemplos.

Os participantes, através de uma dinâmica de pequenos grupos, fizeram eco ao plenário sobre as maiores urgências na pastoral paroquial à luz da doutrina apresentada pelo Senhor Bispo, sublinhando-se sobretudo a urgência da atenção às novas formas de pobreza, a necessidade da formação, o apelo para uma melhor integração da pastoral social na pastoral comunitária e a participação activa dos jovens como agentes da caridade comunitária.



O Rev. do Pe. Aníbal Castelhana (à esquerda) e o Senhor D. Albino Cleto (à direita) orientaram os trabalhos desta XXXII Assembleia.

Dia do Doente

No dia 11 de Fevereiro celebra-se o Dia do Doente, uma celebração instituída pelo Papa João Paulo II, que a fixou na data das aparições de Nossa Senhora em Lourdes.

Curiosamente, celebra-se este ano o 150º aniversário destas aparições, o que levou o Bento XVI a destacar de modo particular a figura de Maria na sua mensagem para o Dia do Doente deste ano.

Um outro aspecto valorizado na mensagem papal para o Dia do Doente deste ano é a presença de Cristo na Eucaristia, valorização esta que, aliás, parte da constatação de que o culto de Jesus Sacramental é o centro de toda a vida espiritual daquele santuário mariano.

Há aqui, então, duas propostas muito concretas de celebração do Dia do Doente nas nossas comunidades: a partir da eucaristia (eucaristia, bênção dos doentes, etc...) e tendo Maria como figura de leitura da existência cristã, vida que na doença é atravessada pela dor, tal como Maria sentiu o seu coração atravessado pelo sofrimento extremo de ver o seu filho morrer na cruz.

Senhor,
se é possível, dá-nos saúde,
dá-nos força para viver
com alegria.
Dá-nos a alegria de amarmos
os nossos familiares,
os nossos amigos,
quem nos visita.

Nossa Senhora,
Nossa Senhora de Lourdes,
nós não sabemos
quais foram as tuas doenças,
mas sabemos que sofreste muito,
sabemos que sete espadas de dor
atravessaram o teu coração...

Por isso sabemos que
compreendes
as nossas dores,
os nossos sofrimentos.
E, por isso também,
entregamos a nossa vida
nas tuas mãos de mãe,
para que sejas tu
a entregá-la a Jesus.

Abriu o "Renascer"

Novo equipamento da Cáritas dá suporte afectivo a mulheres



Abriu no dia 3 de Dezembro/07, em Santa Clara, Coimbra, a Comunidade de Inserção Renascer, com 30 vagas para mulheres entre os 16 e os 45 anos, com ou sem filhos, em situação de vulnerabilidade social. Trata-se de mais um Equipamento social, em regime residencial, da responsabilidade da Cáritas Diocesana de Coimbra, que visa, para além da satisfação de necessidades básicas das utentes, a promoção de condições para um processo de desenvolvimento quer a nível pessoal, quer social e familiar, num espaço de verdadeiro suporte afectivo, oferecendo apoio social e psicológico, promoção da saúde, desenvolvimento de competências parentais, domésticas e familiares e inserção social e profissional. A Comunidade de Inserção Renascer pode ser contactada pelo seguinte e-mail: caritas.renascere@mail.telepac.pt.

O Natal nos equipamentos da Cáritas



O tempo de Natal é sempre um tempo de múltiplas iniciativas nos equipamentos da Cáritas Diocesana, seja nas festas internas, seja em encontros inter-equipamentos, em

actividades inter-geracionais, em acções promovidas por outras entidades, como as autarquias, etc. É um tempo realmente vivido com alegria. A título de apontamento,

registamos em foto a iniciativa do Centro de Dia do Centro Rainha Santa Isabel, que subiu ao piso da nossa sede e veio cantar as janelas para os técnicos da Cáritas.

"Manter a utopia do discurso do direito à mobilidade global"

Por ocasião do 94º Dia Mundial do Migrante e Refugiado, realizou-se em Fátima (Casa Nossa Senhora do Carmo) o VIII Encontro de Animadores Sócio-Pastorais das Migrações. Em debate o tema "Os Migrantes e o Futuro da Europa", que constituiu uma oportunidade para avaliar o contributo da Presidência Portuguesa da União Europeia para uma visão integrada da realidade das migrações e para preparar o Ano Europeu para a Interculturalidade.



As conclusões propostas pelos cerca de 60 participantes, provenientes da Caritas e dos Secretariados da Mobilidade Humana de 14 Dioceses, resultam da análise ao tema nas suas diferentes perspectivas e do trabalho que, diariamente, os animadores sócio-pastorais das migrações desenvolvem.

- Considerando que
1. A Europa precisa dos imigrantes para realizar o seu projecto de desenvolvimento;
 2. A Igreja na Europa não tem futuro sem os imigrantes;
 3. O discurso da gestão dos fluxos migratórios deve dar lugar a modelos de integração consistentes, coerentes e determinados;
 4. A Europa procura restaurar o tecido de uma sociedade de confiança;
 5. Os imigrantes não podem ser olhados como factor de desenvol-

vimento apenas dos países de acolhimento;

6. A matriz cultural da Europa está marcada pelo humanismo cristão

- Propomos:
- Trabalhar para que a Igreja, Estado e Comunicação Social se empenhem na difusão de uma imagem da imigração mais consentânea com a realidade e menos alarmista;
 - Providenciar para que seja fornecida aos migrantes e às suas famílias informação correcta na base da qual eles possam tomar decisões fundamentadas para partir, ficar ou regressar, contribuindo para a neutralização dos engajadores;
 - Fazer pressão para que a aplicação da legislação seja uniforme, transparente, ágil e efectiva;
 - Promover e apoiar iniciativas que levem a um melhor conhecimento mútuo e ao diálogo intercultural;

- Fazer e levar a que as entidades façam uma aproximação humanitária aos imigrantes em situação irregular

- Manter a utopia do discurso do direito à mobilidade global;

- Reforçar o trabalho em rede da Igreja, da sociedade civil, Estado que apoiem os migrantes;

- Manifestar expectativas em relação à migração circular e as maiores reservas à implementação do "blue card";

- Investir na Evangelização, com maior criatividade, sem se limitar a uma pastoral dos sacramentos;

- Ir ao encontro das comunidades que se escapam aos animadores sócio-pastorais das migrações;

- Fomentar uma intervenção activa por parte da Igreja Católica, em qualidade, e concertada nas suas diferentes expressões;

- Promover acções de sensibilização e dinamizar nas várias comunidades o Dia Mundial do Migrante e Refugiado.

Os participantes neste VIII Encontro apelaram também à ratificação por parte de Portugal da Convenção Internacional da ONU sobre a protecção dos Direitos de todos os Trabalhadores Migrantes e dos Membros das suas Famílias.

Obra Católica Portuguesa de Migrações, Caritas Portuguesa, Agência Ecclesia

"Gostei", "Não gostei"

Dizem os livros, e sabêmo-lo nós pela experiência feita, que "quem faz da agradabilidade o objectivo final da relação com os outros segue o caminho mais rápido para a destruição da própria relação". Há-de ser o trabalho rigoroso e orientado por uma verdadeira paixão pelo bem das pessoas com quem nos relacionamos que resultará agradável no trato mútuo.

A razão é que a agradabilidade pela agradabilidade é infantil, e por isso não adultiza, mas infantiliza, não ajuda a crescer, mas mata o crescimento.

Por exemplo, atendendo a que estamos num ano pastoral particularmente dedicado à avaliação, como costumamos avaliar nós as coisas que fazemos, as reuniões que temos, as conferências a que assistimos? Dizemos: "gostei"; "não gostei". Reduzimos tudo à agradabilidade! O que se cresce a partir de uma avaliação de "gostei" / "não gostei"? O que se corrige relativamente ao que foi feito? Que projectos para o futuro podem nascer duma avaliação deste tipo? A resposta a todas estas perguntas é: "nada".

A agradabilidade, como objectivo em si mesma, é um engodo que mata.

NEVES

Pelos grupos

Andorinha partilha bens

O Grupo Sociocaritativo de Andorinha (Paróquia da Lamarosa) fez no último Natal uma recolha de géneros, canalizada para situações de emergência na cidade de Coimbra sinalizadas pela Cáritas Diocesana. Da lista de géneros recolhidos constam produtos de higiene para

bebés e acamados (fraldas, toalhetes, resguardos), de diferentes tamanhos e marcas. Foram também recolhidos produtos alimentares (azeite, leite, papas, farinha, massas, bolachas, arroz, e outros produtos diversos, inclusive batatas e couves).

SEMANA NACIONAL DA CÁRITAS DE 2008

"Acolher a diversidade exige a educação do olhar"

Desempregados jovens e de longa duração, idosos sem família e menores abandonados, pessoas com deficiência e com sida, cidadãos ciganos e sem abrigo, pessoas drogadas e prostituídas, trabalhadores imigrantes e emigrantes, refugiados e estudantes estrangeiros, reclusos e pessoas discriminadas... Com eles e ao serviço deles a Caritas Portuguesa unida às Caritas diocesanas e a outros organismos da Igreja e da sociedade em geral, quer continuar a ser – não obstante a diminuição dos meios e recursos - sinal vivo e orgânico do Amor sem limites e diversificado de Deus pela humanidade inteira.

Os empobrecidos pelo nosso moderno "estilo de vida nacional" - sempre menos sóbrio, poupado e simples - pululam a olhos vistos nas nossas cidades e vilas. Esses nossos irmãos e irmãs, em situação de vulnerabilidade, são denúncia pública de um sistema económico, laboral e político que, por mais europeu e rico que se queira proclamar ao mundo, se apresenta sempre mais exclusivista, selectivo, competitivo e desigual.

Neste ano europeu do diálogo intercultural considero que é preciso educar o olhar! A nível da acção social da Igreja urge uma nova pedagogia do olhar desde as

famílias, passando pelas nossas comunidades cristãs para chegar às escolas e autarquias. A caridade cristã também depende do olhar! Reconheço que não nos sabemos olhar uns aos outros com o mesmo olhar com que Deus sempre olhou para a humanidade. Ele é o Deus que não faz acepção de pessoas (Gal 2, 6). O seu olhar não discrimina ninguém! Ele é o Deus que sempre acolhe no seu seio trinitário a diversidade e que, não obstante as diferentes formas como ainda é olhado na história humana – algumas vezes de forma ainda muito injusta e ingrata - Ele nunca altera o seu olhar magnânimo de bondade, solidariedade e libertação. O olhar de Deus realista, admiravelmente, o homem ferido pelo mal, Sara as feridas causadas pelas estruturas de pecado e envia-o rumo ao desconhecido: ao outro que pede acolhimento e reconhecimento para se viver a vida com sentido.

Já no passado ano europeu, dedicado à igualdade de oportunidades para todos, verificámos, lamentavelmente, que persistem muitas "carências de olhar" a nível da efectivação da igualdade de tratamento, da igualdade de género e de acesso aos meios de auto-promoção e apoio social. O próprio olhar de alguns, com responsabilidades na sociedade portuguesa, para com a

presença da Igreja nas instituições sociais e educativas parece estar em mudança com o argumento pouco consistente de uma nova "laicidade da caridade" que corre o risco grave de tornar-se numa ofensa à tradição das obras de misericórdia cristã tão enraizadas na nossa lusa cultura.

Vamos abrir as portas à igualdade! Vamos ser fiéis à "ética do olhar" que não discrimina, mas que a todos escuta, acolhe e auxilia com inteligência. Vamos lutar contra as portas que parecem fechar-se silenciosamente que, ao proclamarem a supremacia da ciência, da técnica, da gestão e do tecnicismo correm o risco grave de deixar na rua, no desespero, longe dos apoios legítimos, ao frio e à fome, muitos cidadãos portugueses e estrangeiros que não têm outra saída senão recorrer à flexibilidade da caridade praticada por tantas organizações da sociedade civil, entre as quais se contam estruturas de inspiração cristã, animadas por voluntários e assalariados que com consciência cívica e de baptizados desenvolvem a sua acção social com profundo sentido de serviço aos outros.

É, sobretudo, a nós cristãos leigos que a Igreja confia, em fidelidade ao princípio da subsidiariedade, a aplicação prática e adequada dos princípios de

reflexão, critérios de julgamento e directrizes de acção próprias da Doutrina Social da Igreja. E porque advertimos desconhecimento e ignorância relativamente a esta doutrina, continuamos empenhados na divulgação da mesma, através de tantos modos, nas comunidades cristãs.

Aproveitando o tempo de Quaresma, e motivando as muitas iniciativas de solidariedade que, durante a Semana Nacional da Caritas sob o lema Acolhe a Diversidade - Abre portas à Igualdade, irão acontecer por todo o país, quero manifestar o meu agradecimento a todos os que com a sua generosidade, tempo, ousadia e competência, em estruturas públicas e privadas, são parceiros da Caritas e conosco têm tornado possível a presença de Portugal em projectos humanitários de socorro às vítimas de muitas catástrofes naturais e humanas, bem como em programas de apoio ao progresso social e económico de países em vias de desenvolvimento, particularmente os de expressão portuguesa.

Obrigado! Continuemos a abrir portas à igualdade na diversidade de olhares!

*Setúbal, 22 de Janeiro de 2008
Eugénio José da Cruz Fonseca
Presidente da Caritas Portuguesa*

Cáritas 2008

Acolhe a diversidade - abre portas à igualdade

Cáritas de Coimbra

Suplemento Movimento - n.º 354

Suplemento do Correio de Coimbra, com a colaboração da Caritas Diocesana, de informação, formação, estudo da caridade, denúncia profética, iniciativa e diálogo.